

**A FORÇA  
DE SERMOS  
MELHORES**

COLEÇÃO NARRATIVAS DE FÉ

---

- *A força de sermos melhores: tratado sobre as virtudes cardeais*  
Vito Mancuso
- *Não é verdade que não fomos felizes*  
Irene Salvatori

**Vito Mancuso**

**A FORÇA  
DE SERMOS  
MELHORES**

Tratado sobre as virtudes cardeais

Tradução: Rudy Albino de Assunção



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

© 2019 Garzanti Srl, Milano  
La forza di essere migliori

Questo libro è stato tradotto grazie ad un contributo alla traduzione assegnato dal Ministero degli Affari Esteri e della Cooperazione Internazionale Italiano.

Obra traduzida com a contribuição do Ministério das Relações Exteriores e da Cooperação Internacional da Itália.

Direção editorial: *Pe. Sílvio Ribas, ssp*

Coordenação editorial: *Dílvia Ludvichak*

Gerente de design: *Danilo Lima*

Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*

Produção editorial: *AGWM Produções Editoriais*

Tradução: *Rudy Albino de Assunção*

Capa: *Gustavo Gomes*

Imagem da capa: *iStock*

Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

Mancuso, Vito

A força de sermos melhores: tratado sobre as virtudes cardeais /  
Vito Mancuso; tradução de Rudy Albino de Assunção. — São Paulo:  
Paulus, 2022.

(Coleção Narrativas de fé)

ISBN 978-65-5562-670-4

Título original: La forza di essere migliori

1. Virtudes cardeais 2. Virtude 3. Conduta de vida  
I. Título II. Assunção, Rudy Albino de III. Série

22-3104

CDD 241.14

Índice para catálogo sistemático:

1. Virtudes cardeais



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.

Cadastre-se e receba informações  
sobre nossos lançamentos e nossas promoções:

**paulus.com.br/cadastro**

Televentas: **(11) 3789-4000 / 0800 016 40 11**

1ª edição, 2022

© PAULUS – 2022

---

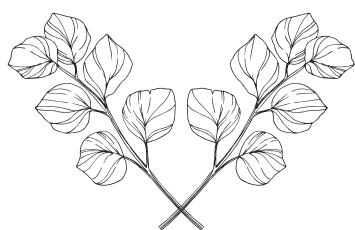
Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)

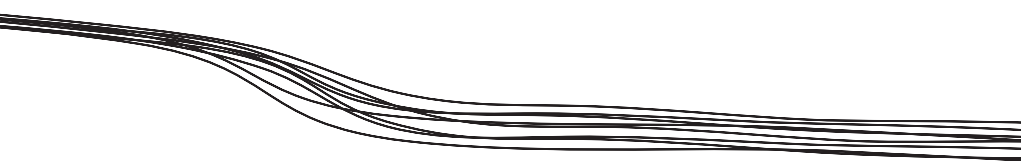
Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-65-5562-670-4

Para J. K.,  
que há pelo menos dez anos me disse  
para escrever um livro sobre as virtudes cardeais.





“Recomendai aos vossos filhos  
que sejam virtuosos;  
porque apenas a virtude  
pode torná-los felizes,  
certamente não o dinheiro.  
Falo por experiência.”

**Ludwig van Beethoven**

*Carta de 6 de outubro de 1802*



# Sumário

<b>Prólogo</b> .....	15
<b>I Tornar-se</b> .....	27
O objetivo .....	29
Tornar-se o que se é .....	32
Uma questão de higiene .....	34
Melhores como seres humanos .....	35
Laboratório, experimentos, teoria .....	36
A minha teoria .....	38
Uma miríade de perguntas .....	40
O nosso maior problema .....	42
Lógica do mundo e lógica do humano .....	44
A tarefa da ética .....	47
Suspeita .....	51
Fundação na primeira pessoa do singular .....	54
O utilitarismo .....	55
O caminho da cura .....	57
O caminho da beleza .....	60
<b>II Consciência</b> .....	65
A natureza do experimentador .....	67
Cérebro .....	71
Mente .....	73
Consciência .....	74

O primeiro significado da consciência: cognição.....	76
O segundo significado da consciência: autoconsciência.....	77
O terceiro significado da consciência: consciência moral.....	80
Crise.....	84
Dennett.....	85
Qual “eu” eu visto?.....	89
Pensamento e existência.....	92
Alma.....	94
Autotranscendência.....	96
O túnel do eu.....	97
Sobre a autotranscendência e sobre a transcendência.....	99
O dom da consciência.....	102
O quarto significado da consciência: consciência mística.....	104

### III

<b>A virtude, as virtudes.....</b>	<b>109</b>
Etimologia de ética e de moral.....	111
O enraizamento corpóreo da ética e a necessidade da virtude.....	112
Os múltiplos significados do conceito de virtude.....	114
Virtude como força.....	115
Virtude como medida.....	118
Virtude como capacidade através do hábito.....	121
Virtude como leveza.....	125
As virtudes.....	127
As virtudes cardeais: origem e tradição.....	129
As virtudes cardeais: terminologia e lógica.....	133
Primazia da moralidade individual.....	134
O dom das virtudes.....	138

<b>IV</b>	<b>A sabedoria</b> .....	141
	Imagens e etimologia.....	143
	Um nome equivocado .....	146
	O motivo da sua primazia.....	149
	A origem da sabedoria: dom e aquisição .....	151
	O trabalho da sabedoria .....	155
	Falar sabiamente.....	158
	Dialética da sabedoria: a virtuosidade da estultícia .....	159
	A sabedoria .....	162

<b>V</b>	<b>A justiça</b> .....	165
	Imagens e etimologia.....	167
	Segunda? .....	168
	Legalidade .....	171
	Justiça no sentido de sermos justos.....	172
	Negações .....	173
	Afirmações .....	177
	O caminho a percorrer para sermos justos.....	181
	Julgar .....	187
	Pensar por valores.....	189
	As raízes da justiça.....	192
	O papel cósmico da justiça.....	193
	O ponto sensível da lógica natural e a necessidade de maior luz.....	197
	Dialética da justiça: a virtuosidade da infração.....	201

<b>VI</b>	<b>A fortaleza</b> .....	207
	Imagens e etimologia. ....	209
	A nossa verdadeira essência e o nosso verdadeiro problema. ...	210
	A força na natureza como princípio de organização .....	213
	Força, potência, poder, violência .....	216
	A natureza do poder .....	221
	A natureza da natureza .....	227
	A força de um ser humano .....	228
	A fortaleza segundo o cristianismo .....	229
	O divisor de águas fundamental .....	233
	Vontade de potência diferente da vontade de poder .....	235
	Nietzsche .....	236
	A força mais preciosa: vencer a si mesmo .....	240
	A fonte da força de sermos melhores .....	245
	Hipótese alternativa sobre a fonte da força de sermos melhores .....	248
	A necessidade de força de sermos melhores .....	249
	Dialética da fortaleza: a virtuosidade da fraqueza .....	251

<b>VII</b>	<b>A temperança</b> .....	257
	Imagens e etimologia. ....	259
	Controle dos prazeres e das paixões .....	260
	O contrário de <i>hýbris</i> .....	264
	Superar a si mesmo .....	266
	Temperar .....	266
	Desapegar-se .....	269
	Livre-arbítrio .....	273
	Dialética da temperança: a virtuosidade da intemperança. ....	276

<b>VIII</b>	<b>Outras virtudes</b> .....	279
	Virtudes primárias e secundárias .....	281
	Atenção .....	283
	Benevolência .....	284
	Calma.....	289
	Clareza.....	290
	Competência .....	292
	Consciencialização .....	292
	Fidelidade .....	292
	Flexibilidade .....	295
	Inocência.....	296
	Mansidão .....	299
	Precisão .....	301
	Respeito.....	302
	Responsabilidade .....	304
	Simplicidade.....	306
	Sinceridade.....	308

<b>IX</b>	<b>O coração da ética: a motivação</b> ...	3 11
	Corroer.....	313
	A coroa da justiça .....	313
	A questão radical .....	314
	Uma verdade amarga .....	318
	O coração da ética: a motivação.....	319
	A religião como motivação da ética.....	321
	As consequências da perspectiva religiosa tradicional: eu sou Isaac .....	325
	A natureza e a emergência ética.....	329

Primeira motivação decisiva da ética: a consciência de ter que curar .....	332
Segunda motivação decisiva da ética: a consciência estética .....	336
<b>Conclusão</b> .....	341
<b>Apêndices</b> .....	351
<b>Apêndice 1</b>	
Quatro subdivisões clássicas de virtudes.....	353
Aristóteles .....	353
Hinduísmo .....	356
Budismo.....	357
Cristianismo .....	358
<b>Apêndice 2</b>	
Regra de Ouro .....	363
Zoroastrismo .....	363
Classicismo.....	364
Espiritualidade de origem indiana .....	364
Espiritualidade de origem chinesa.....	366
Espiritualidade de origem japonesa.....	367
Espiritualidade abraâmica .....	367
<b>Bibliografia</b> .....	369
<b>Agradecimentos</b> .....	382



# Prólogo





Vejam ao seu redor: todos vivem, apenas alguns existem. Eles vivem, mas não existem, porque *in-sistem*, isto é, porque se colocam *dentro*, dentro da cadeia, alimentar e de outro tipo, da vida. Alguns, em vez disso, *ex-sistem* [*e-sistem*], têm a coragem de se colocar *fora*, de existir no sentido radical do termo indicado pela filologia. E assim eles vão em busca da força para serem melhores.

Neste mundo, todos querem ser *os melhores*; bem poucos, no entanto, têm o cuidado de serem simples e autenticamente *melhores*, isto é, trabalhar sobre si mesmo, identificar os próprios vícios, extirpá-los, fazer florescer as virtudes e assim não se limitar a viver, mas começar a existir.

Em linguagem comum, *viver* e *existir* são sinônimos; porém, *viver* tende a ter um significado mais forte, porque se acredita que tudo o que há *existe*, mesmo pedras e postes de luz, enquanto apenas os vivos *existem*. Se se reflete, porém, sobre a diferença entre os dois verbos, ela aparece clara e emerge o sentido forte de *existir*.

Viver na natureza consiste em nutrir-se e reproduzir-se, ou seja, comida e sexo; os humanos acrescentam uma terceira dimensão, feita de honras, reverências, desfiles, roupas, perfumes, joias, decorações, diversões e outras coisas do gênero, de que eles gostam, também porque estão intimamente ligados à comida e ao sexo, dos quais incrementam o afluxo, ou seja, quanto mais honras e mais divertimento, mais comida e mais sexo. Não é assim? A comida, o sexo e as várias manifestações de agregação social são as operações que alimentam a vida física e psíquica da maioria das pessoas e as mantêm vivas, expressão que deve ser compreendida no sentido de que as *mantêm ligadas* à corrente da vida: eles as mantêm vivas, mas, ao mantê-las, eles as amarram e as acorrentam; estão vivas, mas reduzidas à prisão. Montale o expressou à sua maneira: “Sei que se pode viver / não existindo, / emergindo dos bastidores,

de um pano de fundo”<sup>1</sup>. Não existem, *in-sistem*: estão *em, dentro*, fechados dentro.

Em contraste, o verbo *existir* expressa o que sua etimologia indica. O verbo latino original é formado pela preposição *ex*, que neste caso significa “fora”, e pelo verbo *sistere*, que significa “pôr, colocar, colocar-se”, de modo que *ex-sistere* propriamente significa “vir para fora”<sup>2</sup>. Existe quem vem para fora. De quê? Da vida ordinária, da vida como cadeia, alimentar ou de outro tipo, que nos mantém vivos ao nos manter prisioneiros. Ou, para retomar a imagem antiga que tem séculos, da vida como *caverna*, onde também são mantidos prisioneiros, acorrentados e de frente para o muro, e estranhamente felizes por sê-lo.

*Pensar* significa processar informações, e todos os vivos, pelo próprio fato de viver, processam informações. O processamento de informações como função da vida é previsível, circular, repetitivo; não é ação, é apenas reação, produz um pensar essencialmente prisioneiro, termo que em latim se diz *captivus*, porque a prisão, além de ser cativo [cattività], às vezes gera maldade [cattiveria]. O pensamento gerado pela ex-sistência, ao contrário, constitui um salto porque nasce de se colocar para fora, é o primeiro ato de liberdade entendida como libertação, é visão de cima, imaginação criativa, sonho, ideal, utopia.

Este livro se intitula *A força de sermos melhores* e se baseia em uma dupla convicção: 1) que nos incumbe a urgência de sermos diferentes, de mudarmos, de sermos melhores no sentido de realmente começarmos a existir; 2) que o ser humano é um ser capaz de melhorar. Digo *urgência* precisamente no sentido comum do termo, como quando se chama uma ambulância e uma vez que se chega ao pronto-socorro se recebe um código vermelho. Com isso, não sustento que nós, como ocidentais, e em particular como italianos, já estamos no código

1. Eugenio Montale. *Il primo gennaio*, in *Satura II* [1971], em *Tutte le poesie*, ed. por Giorgio Zampa. Milano: Mondadori, 1984, p. 411.

2. Cf. Elisabetta Riganti. *Lessico latino fondamentale*. Bologna: Patron Editore, 1989, p. 198.



vermelho; digo, porém, que estamos próximos e que talvez estejamos girando na zona de perigo imediatamente abaixo. Em palavras, nem todos estarão de acordo comigo; nos fatos, porém, tenho a certeza de que cada pessoa observa dentro de si uma sensação difusa de insegurança, falta, mal-estar, preocupação, cuja definição mais apropriada é *medo*. Medo de quê? Medo do futuro.

O futuro sempre amedrontou a humanidade. A partir daí surgiu o pesadelo do fim do mundo, a expectativa angustiada da conflagração de todas as coisas, o tremor e às vezes o terror do julgamento universal, as outras várias ameaças da literatura religiosa de tipo apocalíptico, e também a ânsia menos espiritual e mais terrena de não conseguir pagar as contas. O futuro, entretanto, também continha em si uma dimensão positiva de expectativa e esperança de que algo pudesse realmente mudar para melhor: isso explica o messianismo religioso, a utopia política, o mito do progresso, o “destino magnífico e progressivo” [*magnifiché sorti e progressive*]<sup>3</sup>, bem como o sentimento difuso de que para os filhos as perspectivas de vida seriam melhores do que para os pais.

Hoje, salvo exceções, essas projeções não existem mais. O futuro perdeu boa parte de sua carga positiva e com a sua intacta carga negativa é quase unicamente assustador. Será porque a população está envelhecendo, será pela gradual diminuição da fé em Deus e no seu paraíso, será pelo fim das ideologias e o conseqüente crepúsculo do “sol do futuro”, será pela sempre mais rápida mescla de etnias e a conseqüente dificuldade de reconhecer-se em um determinado povo e em um determinado território, será quem sabe por quais outros motivos, o dado de fato é a ânsia crescente de muitos.

Na minha opinião, a principal causa desse medo difundido do futuro é a impressão geral de que ninguém é capaz de

3. Giacomo Leopardi. “La ginestra”, verso 51 [1836], em *Opere*, ed. por Giovanni Getto. Milano: Mursia, 1973, p. 116.

exercer qualquer controle sobre a situação que é digna desse nome. Talvez em outras partes do mundo não seja assim, existem países onde a maioria tem a segurança de ter um timoneiro guiando o navio e, muito pelo contrário, o problema deles é exatamente o oposto, o de um controle excessivo, de uma rota estabelecida por outros da qual é quase impossível para o indivíduo se desviar. Mas o que é psicológica e vitalmente melhor: o desejo de liberdade ou o medo da liberdade?

Certamente, no passado, nem mesmo no Ocidente havia essa sensação ansiogênica de falta de controle. Naquela época, quase todos estavam mais ou menos convencidos de que era Deus quem estava no controle, e cujo trabalho era ser o grande e onipotente controlador do mundo; é verdade que nem sempre o êxito do trabalho divino resultava tranquilizador por causa de alguma pestilência ou terremoto ou guerra em excesso, para não falar da mortalidade infantil difusa que, não raro, levava os filhos, ainda crianças, e de muitos outros lados obscuros da existência que, então, uma vez que se tornaram objeto de conscientização, conduziram ao colapso mais ou menos generalizado dessa fé na “providência”; no entanto, permanecia o fato de que a maioria estava convencida da existência de um governo do mundo e de sua existência pessoal que, certo ou errado que estivesse, representava um ponto de referência, e se se quisesse protestar sempre se tinha alguém contra quem fazê-lo. O mesmo era válido para a dimensão sociopolítica, a propósito da qual era evidente o controle do imperador ou do rei e, para outros aspectos, do papa, como em tempos mais recentes o controle do partido e da sua ideologia capaz de inculcar na consciência de não poucas pessoas a firme segurança de uma visão “sistemática”, até mesmo “científica”, da realidade. Hoje, aqueles que dispõem da segurança proveniente de uma fé religiosa ou de uma ideologia política são sempre cada vez menos, e entre as gerações mais jovens quase ninguém se importa com isso. Hoje, em nossa mente, mais frequentemente



em nossos corações e em nossas entranhas, é difusa a impressão de que ninguém realmente tem a possibilidade de governar a situação e que, portanto, o mundo está praticamente fora de controle. Mas o que precisamente escapa ao nosso controle? A resposta é: o nosso poder.

Temos um poder físico sobre o mundo que a humanidade nunca teve antes, que se revela, porém, mais forte do que o controle que deveríamos exercer sobre ele. Somos comparáveis a um automóvel, com motor potentíssimo, mas sem volante e freios adequados; ou a um ser humano com músculos de aço, mas com cérebro de barro, ou com cérebro de aço, mas com coração de gelo. Temos músculos e inteligência fria, falta-nos uma inteligência calorosa, aquele calor que chamamos *calor humano* e do qual todos gostariam de estar cercados.

O poder da humanidade sobre a humanidade está crescendo desmedidamente, e diz respeito às coisas fora de *nós* e às coisas *dentro* de nós. Mas, seja fora ou dentro, trata-se, em todo o caso, de um poder sobre *coisas* e que como tal se traduz na construção de *máquinas*. A expressão por excelência de nosso poder são as máquinas. Às vezes grandes, mais frequentemente pequenas, algumas já tão pequenas a ponto de serem quase invisíveis, desempenham sempre mais funções em nosso lugar, executando-as de forma mais eficiente e econômica do que fazíamos antes e podemos fazer agora. Alguns sustentam que essas máquinas, nas quais nosso poder está condensado, chegarão um dia, num futuro não muito distante, a abrigar também a nossa alma, quando ficará claro que essa chamada *alma* não é mais do que um algoritmo que pode ser baixado de nosso cérebro biológico e, depois, recarregado em uma máquina; em suma, um *software* a ser executado em um *hardware* construído com feições mais ou menos humanas, que ontem era chamado robô, hoje humanoide, amanhã, quem sabe?

Então, do que temos medo? Temos medo de nós mesmos, ou melhor, de alguns de nós. O poder de alguns seres humanos

nos assusta. Temos medo do poder humano de modificar a natureza: a natureza externa a nós e, sobretudo, a natureza interna a nós, a *nossa* natureza. Temos medo da inteligência artificial com sua capacidade de transformar o nosso mundo de um mundo de homens para um mundo de máquinas, e temos medo da engenharia genética com sua capacidade de transformar o nosso genoma de um processador natural para um processador artificial e guiado por outro.

Mas eu a você pergunto: conhece algo mais sagrado do que a natureza? Perante ela, diante de seu mudo e imenso mistério, nossos pais se curvaram, não raro tremendo de medo, mas na maioria das vezes, no fim, encontraram descanso, paz, silêncio, de acordo com uma religião primordial arcana, e desse modo se gerava neles um inenarrável senso de veneração que enchia a vida de significado. Nós alcançamos o poder de mudar tudo isso. Aliás, já modificamos, talvez irreversivelmente, tudo isso: tanto a natureza fora de nós quanto a natureza dentro de nós. É por isso que há alguns anos existem aqueles que sustentam que entramos em uma nova era geológica: acabado o Holoceno, começou o Antropoceno<sup>4</sup>. Alguns chegam ao ponto de nos comparar com uma espécie de tumor maligno do qual o planeta caiu vítima, considerando-nos em pé de igualdade com células cancerígenas que se multiplicam irrefletidamente no interior do organismo Terra, levando-o inexoravelmente à morte.

Aquilo que na minha opinião é seguro é que o nosso imenso crescimento técnico não é igualado por um crescimento ético análogo. Sentimos isso e por essa razão sentimos uma necessidade aguda de controle sobre o poder tecnológico que alcançamos, mas é claro que nunca poderá haver esse controle sem *autocontrole*. E, se o controle se chama *política*, o autocontrole se

---

4. Cf. Christophe Bonneuil; Jean-Baptiste Fressoz. *La terra, la storia e noi. L'evento antropocene* [2013]. Tr. de Agnese Accattoli e Andrea Grechi. Roma: Treccani, 2019. A edição italiana inverte o título e o subtítulo em relação à edição original francesa, cujo título é: *L'évènement anthropocène*. Cf. também Martin Rees. *Il nostro futuro. Scenari per l'umanità* [2019]. Tr. de Luigi Civalleri. Roma: Treccani, 2019.



chama ética. Da atual pobreza da ética vem a atual pobreza da política e a consequente ausência daquele controle necessário sobre o poder técnico adquirido. O que, então, deve ser feito?

Diz-se no Evangelho que Jesus menino “crescia e se fortalecia, cheio de sabedoria”<sup>5</sup>. Nós também crescemos e nos fortalecemos, mas negligenciamos o crescimento em sabedoria, com o resultado de que nosso crescimento fortalecido corre o risco de se tornar a nossa tumba. Como diz um antigo ditado indiano citado por Tagore: “O homem prospera pela maldade, conquista o que parece desejável, derrota os seus inimigos, mas morre pela raiz”<sup>6</sup>. Para não deixar morrer a santa raiz da humanidade, é indispensável voltar a crescer também em sabedoria. É por isso que julgo que a ética deve ser incluída por direito no *kit* de sobrevivência da humanidade: não é mais sustentável instruir a mente negligenciando a educação do coração, entendido como o centro operacional da vontade.

Infelizmente, o dado de fato é exatamente o contrário: as nossas escolas abandonaram a dimensão educativa, estão concentradas apenas na dimensão cognoscitiva, de modo que, hoje, frequentá-las significa receber (quando está tudo bem) informações, mas bem pouca, ou na maioria das vezes nenhuma, formação. Sem formação, entretanto, as informações geram apenas um conhecimento que visa o lucro, isto é, a coisa mais natural e óbvia do mundo, aquele conhecimento exploratório e instrumental que está ameaçando os ecossistemas do nosso planeta e o do nosso coração.

Trata-se de uma tendência antiga, dado o que Montaigne escreveu no século XVI, com a única diferença de que ele estava se referindo ao grego e ao latim, ao passo que hoje falamos de inglês e de economia: “Perguntamos com prazer: sabe grego ou latim? Escreve em versos ou em prosa? Mas a coisa principal

5. Lc 2,40.

6. Rabindranath Tagore. “La crisi della civiltà” [1941], em *La civiltà occidentale e l’India*. Tr. de Jole Pinna-Pintor. Torino: Bollati Boringhieri, 1991, p. 263.

era perguntar se se tornou melhor ou mais sábio [...]. Nós trabalhamos para preencher a memória, e deixamos vazios o intelecto e a consciência”<sup>7</sup>. Não deixar o intelecto e a consciência vazios significa alimentar a capacidade de pensar de forma eticamente responsável e, assim, tornar-se humanamente melhores, mais sábios: e se isso era um problema já há alguns séculos, em nossos dias tornou-se uma extrema urgência.

A mentalidade dominante hoje, no entanto, vê a ética como uma espécie de ornamento de outros tempos, como uma afetação que alguns, com um coração muito mole, que são, portanto, depreciativamente chamados de “*buonisti*”<sup>\*</sup>, insistem em exercer. Em nossos dias, as palavras que Hannah Arendt reservava para a América dos anos 1960 têm duplo valor: “Trapacear era divertido, enquanto a virtude era um tédio mortal, e estávamos fartos dos moralistas”. E, para deixar claro o que queria dizer, a grande filósofa propunha um exemplo que se tornou muito familiar para nós: “Ninguém disse que o programa televisivo de quiz estava errado, que uma pergunta de 64.000 dólares era como um convite a comportar-se de modo fraudulento”<sup>8</sup>. Hoje, tais comportamentos, que ainda escandalizavam aquela que escreveu *A banalidade do mal*, não escandalizam mais ninguém, tornaram-se banalidades.

A ética, entretanto, não é um ornamento pesado, nem um luxo que pode ser desfrutado depois de satisfeitas todas as necessidades essenciais; pelo contrário, sempre foi um instrumento indispensável da coexistência humana e, ainda mais hoje, tornou-se indispensável para a sobrevivência da humanidade. É, de fato, simplesmente para sobreviver que devemos aprender a ser mais leais, mais sábios, mais fiéis, mais capazes de compreender

---

7. Michel de Montaigne. *Saggi*, livro I, cap. 25 [1580-1588], ed. it. por Fausta Garavini. Milano: Adelphi, 1992, p. 178.

\* *Buonisti* (“buonistas”), termo recente, surgido por volta de 1994, referente ao partido italiano que preconizava a severa aplicação das leis à criminalidade. Poder-se-ia traduzir como “bons moços”. (N. T.)

8. Hannah Arendt. *Alcune questioni di filosofia morale* [1965-1966]. Tr. de Davide Tarizzo. Torino: Einaudi, 2006, p. 15.



e de agir com justiça. A ética não é um *optional*, é um *must*. Não acreditam nisso? Deem uma olhada nos países nos quais a ética civil é respeitada e a corrupção é mínima, confrontando-os com aqueles onde quase todos são espertos, perguntem-se onde se vive melhor e tirem suas próprias conclusões. Hoje, não só o mundo não pode se permitir a astúcia gananciosa e predatória dos seres humanos como também os próprios seres humanos não o podem, se quiserem permanecer humanos.

Os recursos do planeta são estruturalmente limitados, basta pensar em água doce, em florestas, em solos cultiváveis; os seres humanos, por outro lado, aumentam sempre mais, e com eles os poderes da tecnologia. Os pequenos países e campos estão destinados a serem despovoados, as grandes cidades estão destinadas a se tornarem metrópoles, as metrópoles megalópoles, as megalópoles não sei. Algumas delas, como Lagos, São Paulo, Nova Delhi, Cidade do México, poderão em breve ultrapassar os 30 milhões de habitantes: metade da população italiana concentrada em uma área restrita! Será possível conviver sem se devorarem? Se permanecem humanos, sim. Caso contrário, não.

Sermos melhores tornou-se uma urgência, o trabalho ético que compete a cada um de nós está por receber um código vermelho no pronto-socorro da humanidade. A mudança produzida pela tecnologia é irreversível, mas por essa mesma razão a melhoria interior de cada um de nós deve se tornar igualmente irreversível, não deixando o intelecto e a consciência vazios. Trata-se de adequar a nossa vontade à nossa inteligência.

Cada um de nós, além de sentimento, é inteligência e vontade: não se pode crescer em inteligência, entendida aqui como conhecimento de dados, sem crescer em vontade, porque o crescimento da inteligência sem um crescimento igual de vontade gera uma imensa quantidade de força sem controle. Praticamente de monstros. Temos crescido e estamos crescendo a cada dia em inteligência operacional, mas também devemos

crescer em vontade consciente, se quisermos obter ao menos um pouco daquele autocontrole ético, necessário para o controle político, do qual necessitamos como do ar que respiramos.

O que permite a um ser humano crescer em vontade e consciência se chama *virtude*. A virtude é a força da vontade; mais precisamente, é a força da vontade direcionada ao bem e à justiça. Essa direção não se baseia por si mesma em *querer* ser bons, mas em ter *entendido* que ser bons e justos sempre foi a via mais eficaz de viver bem. Hoje, começar a *sermos melhores* é a via obrigatória para sobreviver.

A questão é onde podemos encontrar a força para este crescimento da vontade e da consciência que nos conduz à passagem do *viver* ao *existir* e nos faz sermos melhores. Eu penso que ela está *dentro* de nós; particularmente em nosso passado, na grande sabedoria que o passado ainda hoje nos transmite. É graças aos antigos que estamos aqui, que podemos falar e, antes disso, pensar. A nossa linguagem vem de longe, e junto com a linguagem também a sapiência e a sabedoria nela condensadas. Neste livro buscarei contribuir para o crescimento da nossa consciência e da nossa vontade para recuperar a capacidade de controle sobre o nosso futuro, e o farei na maioria das vezes recorrendo ao nosso passado. O passado é, de fato, a fonte da nossa energia espiritual, suas imensas riquezas são as jazidas de gás natural e os poços de petróleo da nossa interioridade. Se quebramos os laços com o nosso passado, ficamos sem fontes de energia espiritual, portanto incapazes de gerar aquele autocontrole que se traduz em ética e aquele controle que se traduz em uma política digna desse nome; acabamos vítimas do poder desprovido de visão e do medo que ele gera em nós. Se, ao contrário, reforçarmos os laços com o nosso passado, do tesouro de sua sabedoria espiritual pode surgir dentro de nós a força capaz de alimentar a nossa vontade e a nossa consciência, e assim nos tornar capazes de enfrentar o desafio de permanecermos humanos. Ou, talvez melhor, de começar a nos tornarmos humanos.

